

História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Eduardo Ströher, Carlos; Ennes da Silva, Cristina
Salas de cinema: espaços de lazer e de sociabilidade em São Leopoldo
História Unisinos, vol. 18, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 624-636
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866790006>

Salas de cinema: espaços de lazer e de sociabilidade em São Leopoldo

Movie theaters: space of leisure and sociability in São Leopoldo

Carlos Eduardo Ströher¹

carloseduardo@feevale.br

Cristina Ennes da Silva²

crisennes@feevale.br

Resumo: O presente trabalho analisa as salas de cinema de São Leopoldo como espaços propícios para o lazer e a sociabilidade, especificamente na primeira metade da década de 1940. O objetivo da pesquisa é verificar de que forma a programação dos cinemas se inseriu no contexto sociocultural do período – marcado pelo desenrolar da Segunda Guerra Mundial e forte campanha de nacionalização empreendida pelo então presidente brasileiro Getúlio Vargas – bem como o envolvimento do público local com as películas e a importância das salas de exibição no cotidiano da cidade. O estudo utilizou como fonte principal o jornal *Correio de São Leopoldo*, principal periódico da época, analisando todas as publicações relacionadas ao cinema com base na metodologia da análise de conteúdo. Desta forma, foi possível inferir que as salas de cinemas se constituíram como espaços privilegiados para a interação da sociedade leopoldense no decorrer do século XX.

Palavras-chave: cinema, lazer, sociabilidade.

Abstract: The article analyzes the movie theaters of São Leopoldo as spaces that promoted leisure and sociability, specifically in the first half of the 1940s. Its goal is to discuss in which way the cinemas' program was inserted in the sociocultural context of the period – marked by the unfolding of the World War II and the strong nationalization campaign undertaken by the Brazilian president Getúlio Vargas – as well as the local public's involvement with films and the importance of the exhibition rooms in the city's everyday life. The study's main source is the *Correio de São Leopoldo* newspaper, the main periodical of the time, analyzing all the stories related to movie theaters based on the methodology of content analysis. Thus, it was possible to infer that the movie theaters were privileged spaces of interaction of São Leopoldo's society during the 20th century.

Keywords: cinema, leisure, sociability.

¹ Professor da Universidade Feevale.
Licenciado em História e Mestre em Educação.

² Professora da Universidade Feevale e diretora do Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes (ICHLA).
Doutora em História.

Este estudo analisa o cinema como espaço de lazer e de sociabilidade em São Leopoldo, nas primeiras décadas do século XX. Intentamos perceber a importância que as sessões cinematográficas tinham no contexto da campanha de nacionalização do governo Vargas, que utilizava o cinema como veículo de

propaganda do Estado Novo, e como os fatos relacionados à Segunda Guerra Mundial alteraram o cotidiano da cidade e do público que assistia às películas.

O levantamento de fontes empíricas foi realizado no jornal *Correio de São Leopoldo*. Este semanário, fundado em 4 de abril de 1932, teve como primeiro diretor Arnaldo da Costa Bard, e entre seus primeiros dirigentes destacavam-se indivíduos ligados à municipalidade e de grande renome na cidade. Segundo Azevedo (2011), esse órgão de imprensa atuava como ferramenta de apoio do prefeito da cidade, Theodomiro Porto da Fonseca, que governou a cidade por um longo período, entre 1928 e 1944.

Desta forma, a escolha da cidade e do periódico principal de São Leopoldo como cenário e objeto para esta pesquisa se justifica, primeiramente por este ser o local pioneiro da colonização alemã no sul do país e possuir uma população de ascendência germânica muito grande³; e do jornal pelo fato deste apresentar um discurso muitas vezes destoante dos demais órgãos de imprensa estadual, uma vez que estava ligado a um governante municipal com estreita relação com o presidente Getúlio Vargas. Azevedo (2011), ao analisar as notícias e os editoriais da publicação no período do Estado Novo, constatou que

[...] o jornal possuía um posicionamento político bastante claro [...] de alguns órgãos de imprensa do estado, que adotavam uma postura calcada no discurso da “neutralidade”, como era o caso do *Correio do Povo*. No *Correio de São Leopoldo* comumente tínhamos estampadas na capa notícias ocupando espaços enormes e que davam conta das obras realizadas pelo prefeito e das homenagens que recebia de diferentes setores sociais, as quais pareciam ser superdimensionadas, como se representassem os anseios de toda a comunidade. O elogio a Theodomiro é uma prática que se mantém ao longo da trajetória do periódico (p. 28).

Considerado “repositório precioso de dados e fatos da vida de São Leopoldo”⁴, o periódico possuía uma estrutura média de quatro páginas, com grande destaque às notícias do poder público local. Além da fonte supracitada, foram utilizadas também outras fontes auxiliares – os periódicos *O Regimen* e *O Rio dos Sinos* – publicações que sustentam as informações referentes às temáticas pesquisadas e embasam as análises históricas.

Apesar de iniciarmos nossa investigação nos primórdios do cinema em São Leopoldo, nas primeiras décadas do século XX, escolhemos a primeira metade da década de 1940 como objeto de pesquisa, mais especificamente

entre 1940 e 1945, quando o jornal *Correio de São Leopoldo* inseriu-se fielmente na campanha de nacionalização do governo de Getúlio Vargas, “abrindo suas colunas cheias de sentimento cívico pela soberania da Pátria brasileira” (*Correio de São Leopoldo*, 1942). Esta opção se justifica pelo fato de os cinemas leopoldenses estarem em um período áureo na década de 1940, pois a cidade contava com duas salas de cinema, muito frequentadas: o Cine Independência e o Cine Brasil, que permaneceram em funcionamento até meados da década de 1990.

A partir das fontes selecionadas como material empírico para essa investigação, optamos pela metodologia da análise de conteúdo, possibilitando a análise de dados quantitativos e qualitativos acerca da temática. Bardin (1977) afirma que tal método corresponde aos objetivos de “ultrapassagem da incerteza” e “enriquecimento da leitura”, traduzidos por “desejo de rigor e necessidade de descobrir, de adivinhar, de ir além das aparências” (p. 29).

Conforme Bardin (1977), essa metodologia é empírica na medida em que é “dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo” (p. 30). A autora alerta, entre outros aspectos, que o pesquisador deve ter cuidado quanto a escapar da “ilusão da transparência” dos fatos sociais, “tornar-se desconfiado”, lutando contra a evidência do saber subjetivo, adotando uma “vigilância crítica”, dizendo não “à leitura simples do real”, sempre sedutora (p. 22).

Elmir (1995) adverte para as “armadilhas” que a pesquisa histórica em fontes impressas pode apresentar. Segundo o autor, a imprensa não informa sobre a história simplesmente, e os métodos dos historiadores não devem percorrer caminhos tão lineares. A leitura de uma fonte jornalística deve ser “intensiva”, isto é, meticulosa, demorada e exaustiva, da mesma forma que é preciso levar em conta a defasagem entre o leitor a quem o periódico foi destinado no espaço e no tempo em que a publicação circulou – o leitor ideal ou leitor modelo – e o leitor que pesquisa esta fonte muito tempo depois. Se não percebermos isso, segundo o autor, corremos o risco de enxergar apenas o que se quer ver na análise de textos isolados e desconectados.

A partir dos cuidados e direcionamentos apontados por Bardin (1977), trabalhamos as fontes empíricas deste estudo de forma a sistematizá-las e, posteriormente, analisá-las. Foram pesquisadas todas as 298 edições do semanário *Correio de São Leopoldo* no período entre 1940 e 1945. Nestas, identificamos que as informações relacionadas ao cinema estiveram presentes em todas as edições do jornal e totalizaram um número de 315 eventos, com uma média de 50 por ano, conforme o Gráfico 1.

³ Conforme Gertz (1987, p. 57), na década de 1920, cerca de 70% da população da cidade era composta por descendentes de alemães.

⁴ O jornal circulou até 1952, e seus exemplares originais estão disponíveis no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, localizado na cidade homônima.

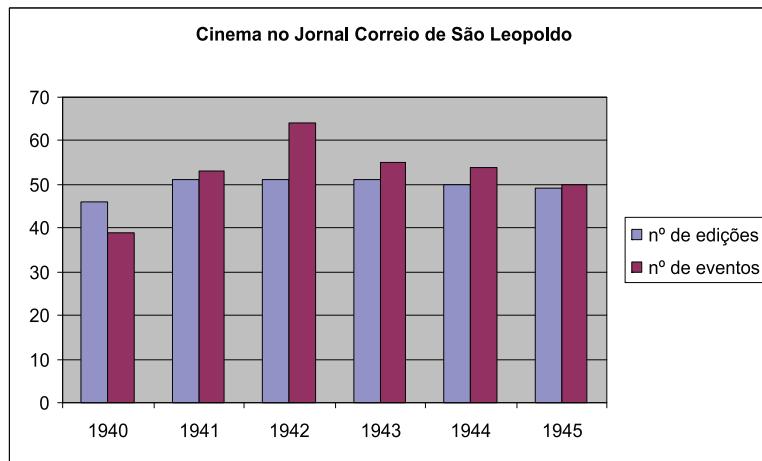
**Gráfico 1.** Relação entre o n.º de edições e o n.º de eventos relacionados ao cinema.

Chart 1. Relationship between the number of issues and the number of events related to cinema.

Seguindo a metodologia da análise de conteúdo, construímos categorias para melhor sistematizar os dados pesquisados. Para Bardin (1977), a categorização tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. “É uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, [...], por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (p. 117). Essa categorização levou em conta o tipo de notícia vinculada à temática central – cinema –, buscando subdividi-las conforme as peculiaridades das informações presentes nos periódicos.

Para além dos cuidados metodológicos com as fontes empíricas, buscamos compreender as categorias de análise que compõem a temática estudada, ou seja, o lazer e a sociabilidade. Neste sentido, para esse estudo, concordamos com Dumazedier (1999), que se refere ao lazer como as ocupações a que o indivíduo se entrega de livre vontade, para fins de repouso, diversão, recreação ou entretenimento, após livrar-se de suas obrigações profissionais, familiares e sociais. Sociabilidade, por sua vez, entendemos como uma espécie de acontecimento da “vida pública”. Simmel (2006) a define como sendo “a forma lúdica de *sociação*”, visando muito mais ao prazer do contato do que à resolução dos problemas materiais da vida e à interação entre os indivíduos, de formas plurais e variadas.

São Leopoldo: palco da sociabilidade teuto-brasileira

Tendo São Leopoldo como cenário onde desenvolvemos nossa pesquisa, julgamos oportuno, num primeiro

momento, contextualizar o surgimento desta cidade, localizada na região do Vale do Rio dos Sinos. Dentro do contexto histórico do Brasil colonial, a ocupação desta área por lusitanos iniciou-se a partir do século XVIII, em meio aos inúmeros conflitos que ocorriam entre Portugal e Espanha na região platina.

Em 1788, foi instalada na região – então chamada Faxinal do Courita –, a mando da Coroa portuguesa, uma feitoria para a plantação de linho cânhamo. A fibra dessa planta era usada para a fabricação de cordas e velas para as embarcações lusitanas, utilizando-se mão de obra escrava nesse trabalho.

Com a independência do Brasil em 1822, pouco depois, em março de 1824, a Real Feitoria do Linho Cânhamo foi desativada. Meses depois, em julho, chegaram os primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, e a antiga feitoria foi sua primeira habitação. São Leopoldo foi uma colônia fundada pelo governo imperial brasileiro, e fazia parte de um projeto cuja intenção era ocupar áreas ainda pouco povoadas – especialmente numa fronteira constantemente alterada por conflitos entre Portugal e Espanha. Além disso, a vinda dos colonos alemães atendia uma necessidade do governo de criar uma classe média na estrutura social brasileira, baseada, até então, numa aristocracia escravista e em latifúndios monocultores. Uma classe média de imigrantes deveria ser capaz de desenvolver a policultura e proporcionar o abastecimento das cidades, além de servir nos batalhões dos exércitos imperiais.

Desde a fundação da colônia, em 1824, na margem esquerda do rio dos Sinos, até sua elevação à vila, em 1846, e à cidade, em 1864, São Leopoldo apresentou um rápido e constante crescimento econômico. A proximi-

dade do rio e, posteriormente, a instalação da estrada de ferro possibilitaram a ligação da cidade com as principais áreas de desenvolvimento da província, em especial com a capital, Porto Alegre, tornando-se, dessa forma, um dos principais mercados abastecedores de produtos agrícolas do Rio Grande do Sul. Conforme Ramos (2006), quando a colônia de São Leopoldo se tornou vila, “[...] os comerciantes ganharam destaque no centro urbano pelo sucesso financeiro que já haviam obtido. Seriam eles, junto com os brasileiros que detinham o poder político local, que formariam a elite do lugar” (p. 434).

Ao mesmo tempo, iniciou-se em São Leopoldo um processo de construção de uma identidade ligada à etnia alemã, ou seja, uma ideia de pertencimento cultural à antiga nação, um sentimento que seria valorizado e elogiado constantemente. Segundo Ramos (2000), “no contato com os rio-grandenses, os imigrantes desenvolveram a idéia de pertencimento a uma etnia e a uma cultura própria, internamente delimitada e externamente reconhecida” (p. 13).

Ramos (2000), ao analisar os clubes sociais da cidade entre a metade do século XIX e o início do século XX, levantou a hipótese de que a elite alemã e teuto-brasileira de São Leopoldo criou e/ou se apropriou de espaços de lazer e de sociabilidade, e neles se representou social e politicamente:

O lazer é, portanto, a invenção dos usos do tempo disponível. Mas é no desdobramento da vida política e econômica que o lazer e a sociabilidade se apresentam. Eles são formas de representação das elites, funcionam como seu cartão de visitas e, embora possam ter nuances locais, estão inscritos nos padrões ocidentais de representação dessa camada social (2000, p. 31).

O sucesso econômico da colônia de São Leopoldo, segundo a autora, se refletiu nas atividades de lazer, através do surgimento de associações de canto, de tiro, de ginástica, desenvolvendo a sociabilidade entre os *patrícios* alemães. O espaço mais importante da sociabilidade leopoldense era, inicialmente, a Sociedade Orpheu, fundada em 1858, onde a prática de esportes como o bolão, o tiro ao alvo e a ginástica se tornaram comuns. Outros espaços foram surgindo, como o hotel Koch e o hotel Graeter, locais de encontros informais e que, segundo Ramos (2006), possuíam grande distinção social. No início dos anos 1880, a Sociedade Ginástica leopoldense passou a reunir também grande parte da elite local, predominantemente alemã (p. 434-435).

Em relação ao crescimento urbano, a cidade expandiu-se em amplas ruas e avenidas, ocupando terrenos baldios. “Do ponto de vista arquitetônico, as casas eram quase todas cobertas de telhas e com calçadas, embora as ruas não fossem pavimentadas” (Ramos, 2006, p. 435). A Rua do Passo, ou Rua Grande, tornou-se a mais importante via de tráfego, a “sala de visitas”⁵ da cidade. Tendo seu nome posteriormente alterado para Rua Independência, a denominação Rua Grande permanece na memória coletiva da cidade até hoje⁶.

Cardoso (2007), ao citar matéria publicada no jornal local, destaca a grande paixão dos descendentes germânicos por esportes. Para os colonos,

[...] o tiro ao alvo foi um dos primeiros esportes a serem praticados. Ele era um divertimento emocionante e dava, ao mesmo tempo, oportunidade para treinarem a própria defesa. [...] Surgiu, depois a prática do tênis, e já em 1889, foi fundado um clube deste gênero em Porto Alegre. Veio, também, a natação. Não havendo piscinas, o esporte era praticado nos próprios rios. As sociedades esportivas foram surgindo aos poucos, e seu aparecimento e manutenção dava-se graças ao apoio de germânicos de boa situação financeira. No correr dos anos, foram introduzindo o ciclismo, o atletismo e o futebol, esportes que estes teuto-rio-grandenses desenvolveram em larga escala. Tendo surgido o automóvel, também competições automobilísticas foram organizadas e desenvolvidas (Vale do Sinos, 1981 in Cardoso, 2007, p. 262).

O ícone da modernidade: a “sétima arte” em São Leopoldo

No começo do século XX, a vida social de São Leopoldo, constituída pelas sociedades esportivas e suas competições periódicas; por eventos, como bailes e reuniões sociais; piqueniques e passeios pelo rio; assistiu à chegada do último ícone da modernidade, o cinematógrafo.

Tecnologia surgida no final do século XIX, o cinematógrafo se manifestou inicialmente no Rio Grande do Sul através de exibições esporádicas em teatros e prédios públicos de Porto Alegre, sempre causando impressões curiosas em seus espectadores, entre peças teatrais, mágicos, circos, companhias de zarzuelas e variedades do mundo inteiro. O cinematógrafo era trazido do Rio de Janeiro, de São Paulo ou de Buenos Aires.

⁵ Segundo Bakos (1998), a expressão *Porto Alegre - sala de visitas do Rio Grande do Sul* começou a aparecer nos discursos dos representantes da cidade a partir do final do século passado e ao longo da República Velha e da Nova. Para melhor entendê-la é necessário recorrer à filosofia positivista. Conforme esta ótica, Porto Alegre – como capital do estado – deveria passar uma imagem de ordem e de progresso, máxima que sintetiza a ideologia do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), hoje imortalizada na bandeira do Brasil.

⁶ A exemplo do que ocorreu com outros espaços, como a Rua da Praia, em Porto Alegre, cujo nome permanece até hoje, apesar de sua denominação oficial ser Rua dos Andradás.

Segundo Moehlecke (1997), as primeiras exibições cinematográficas em São Leopoldo teriam ocorrido em 1909. O autor cita um jornal da época, *O Regimen*, que em 3 de abril do corrente ano publicou: “está na cidade uma empresa cinematográfica, cuja estreia, segundo nos informaram, terá lugar no salão Orpheus” (p. 89-90). Essas primeiras exibições de filmes teriam sido promovidas por empresas itinerantes que, terminados os espetáculos, voltavam a Porto Alegre⁷.

Pedro Leopoldo Feldmann é considerado o pioneiro da “sétima arte” em São Leopoldo. A partir de 1912, seu Cinema Leopoldense é mencionado em todas as edições do periódico *O Regimen*, sendo que as exibições ocorriam na Sociedade Orpheu. Foi ele que construiu o primeiro cinema da cidade, na principal rua de São Leopoldo, a Independência, e o inaugurou em julho de 1914. Para a escolha do nome da sala de exibição, realizou-se um concurso e o nome vencedor foi “Coliseu Theatro Leopoldense”.

A energia elétrica para funcionamento do cinema, nesses primeiros tempos, era fornecida pela serraria de propriedade da família Feldmann, através de máquinas a vapor. Como os filmes eram mudos, havia a necessidade de uma orquestra que tocassem de acordo com o enredo. Para que não houvesse falhas, os músicos viam o filme antes e ensaiavam.

Nos tradicionais festejos da Festa do Divino, realizadas na praça municipal, nos idos da década de 1910, a projeção de filmes constituía uma das principais diversões populares, juntamente com os leilões, as rifas e as bandas de música. A tela, estendida no meio da praça, atraía um grande público para as sessões que iniciavam às 23 horas. “O público assistia de pé, salvo os que estavam no barracão da festa, e sua apreciação era tanta que não tinham vontade de ir embora” (Cardoso, 2007, p. 158).

Essas sessões em praça pública eram grande atrativo em momentos especiais, como as comemorações do Centenário da Imigração Alemã, em 1924. Nessa ocasião, o cinematógrafo público na Praça Redenção constituiu um dos principais eventos das festividades, sendo as exibições em três sessões noturnas, às 19 horas e 30 minutos, às 21 e às 22 horas.

De 1922 a 1926, o Coliseu Theatro Leopoldense funcionou arrendado para Pedro Raimundo Regner, sendo, então, vendido para a empresa F. Steigleder & Cia Ltda, que havia inaugurado, dois anos antes, o

Theatro⁸ Independência, em 7 de setembro de 1924, na rua homônima. O espaço onde funcionou o Coliseu foi, mais tarde, reformado, e reinaugurado, em 1940, com o nome de Cine Brasil. As sessões cinematográficas passaram, a partir do surgimento destes espaços, para dentro dessas salas de espetáculos.

Nas primeiras décadas de cinema em São Leopoldo, os filmes alemães e italianos eram presença comum nas programações. Ramos (2000) cita que, em 1917, um importante acontecimento foi a vinda de filmes alemães de guerra para o cinema local. Assim, num domingo de fevereiro daquele ano, o filme exibido no Coliseu Leopoldense “correspondeu às expectativas em todos os sentidos” (p. 164-165).

No entanto, os filmes europeus já sofriam a concorrência das produções norte-americanas, que a partir da Primeira Guerra Mundial, e em especial após a crise de 1929, invadiram as salas de cinema do mercado sul-americano. Conforme cita Isolan (2006), já na década de 1920, o percentual de películas provenientes dos Estados Unidos era de 80%, contra 20% dos europeus. Uma nota do jornal *O Rio dos Sinos* comenta esta questão, afirmando que os filmes dos Estados Unidos encantavam mais pela identificação do espectador com as temáticas das películas:

“Femina” ou “A mulher”, o film do programma de quinta-feira do Coliseu, é uma tentativa de salvação da cinematographia européia, derrubada em quase todos os mercados do mundo pela industria norte-americana da pellicula.



Figura 1. Coliseu Theatro Leopoldense, inaugurado em julho de 1914 (Moehlecke, 1997, p. 90).

Figure 1. Coliseu Theatro Leopoldense, established in July, 1914.

⁷ *O Regimen* – Orgão do Partido Republicano, anno IV, n. 84, São Leopoldo, 23 de outubro de 1912, publicava na página 2: “Sahbado ultimo, no salão ‘Orpheus’, tivemos mais uma bela função cinematographica, do ‘Cinema Leopoldense’, de propriedade do nosso amigo Leopoldo Feldmann. O salão estava repleto. Dentre as fitas exhibidas, merecem especial menção as intituladas ‘Zigomar contra Nick Carter’, ‘A contrabandista’ e ‘O mau pastor’, três magníficos dramas de muito merecimento. Tão bem causou geral agrado a fita cômica denominada ‘fio conductor’. Fora do programa foi exhibida engenhosa comédia. Durante o espetáculo fizeram-se ouvir ao violino e piano os apreciados professores Edmundo Wolff e sua exma. Consorte, sendo esta auxiliada pela distinta senhorita Lelia Silva.”

⁸ Nesse período, ainda era utilizada a denominação *theatro*. A expressão *cine* substituiu a anterior no jornal *Correio de São Leopoldo* a partir da edição n.º 443, em 05/04/1941. *Cine-theatro* também era usado. Mesmo assim, na fachada do prédio permaneceu, somente, a palavra *theatro*.

É já uma questão fechada: torna-se difícil um "film", que não proceda da terra do tio Sam, agradar ao público, quer do Brasil, quer de Marrocos ou ainda de Paris ou Londres.

Maravilhas de luxuosidade, os films italianos exploram quase sempre nos argumentos anormalidades, collocando os personagens num plano elevadíssimo, ao passo que os norte-americanos descem aos enredos humildes e portanto em contacto directo com a vida. Isso quando não fazem surgir os seus valentões do deserto, como Tom Mix, William Hart, Eddie Pólo, Wiliam Farnum e muitos outros "almofadinhas" de roupa de couro e camisa de panno listrado [sic] (O Rio dos Sinos, 1921a).

Os filmes passados na época encantavam o público, e a fachada do Theatro Independência era ornamentada de acordo com o assunto do filme, em trabalhos executados por Arno Steigleder (Cardoso, 2007, p. 176). Juntamente com as sessões cinematográficas, inúmeras companhias de teatros se exibiam nesses locais, como operetas alemãs e companhias líricas italianas, que apresentaram grandiosos cenários. Também havia apresentações nacionais, companhias circenses e ilusionistas, bem como eventos cívicos. O palco do Independência era o local propício para as mais diversas formas de manifestação culturais. A chegada do cinema falado, em 1931, causou grande surpresa e encanto aos frequentadores.⁹

A presença do cinema trouxe para São Leopoldo os acontecimentos do mundo, influenciando profundamente a vida cotidiana de seus habitantes. As sessões geravam muitos comentários, e as estreias eram aguardadas com

grande ansiedade. O caráter instrutivo e educativo do cinema era constantemente enfatizado, pois mostrava, a olhos vistos, todo o progresso da humanidade e divulgava suas realizações gloriosas.

A evolução do cinema, no Brasil, vai num crescendo admirável, quase phantastico.

Não há recanto mais afastado e mais longínquo do paiz que se não orgulhe de ter um centro de diversão dessa natureza como a facilitar-lhe a introdução do progresso que ainda não chegou. É que o cinema é um gênero de diversão não só barato como instructivo e, por isso, encontra amantes e triumpha em toda a parte. Elle deixou de ser um simples passa-tempo para se tornar um poderoso auxiliar da educação e cultura dos povos. Introduzido como está em toda a superfície do globo, o cinematographo constitue, hoje em dia, o divertimento favorito do publico, maximé dos grandes centros. E não é só. O cinema oferece, ainda, a vantagem de, como fiel interprete da arte, espalhar aqui, ali, no mundo inteiro, os progressos da sciencia moderna, as mais bellas paginas dos grandes apóstolos da humanidade, as obras sociais mais perfeitas e as descobertas scientificas [sic] (O Rio dos Sinos, 1921b).

Outra nota, de 21 de fevereiro de 1936, destaca o entrosamento do cinema local com a população, uma vez que esse era um de seus poucos divertimentos.

Cinema. É bem significativo o belo exemplo dado pelo proprietário do cinema Independência, desta cidade,



Figura 2. Frente do Theatro Independência com decoração especial (Moehlecke, 1997, p. 183).

Figure 2. Front of Theatro Independência with special decoration.



Figura 3. Público no Theatro Independência (Acervo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, 10/07/1939).

Figure 3. Public in Theatro Independência (July 10th, 1939).

⁹ Revista "Vuup" no Theatro Independência. "Vuup" era um tipo popular – "palhaço", que passou pela cidade naqueles tempos e introduziu a expressão "vuup", que era usada com elementos jocosos. Fonte: Acervo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

que a despeito de não contar com concorrência, tem correspondido a afluência que o público dispensa às suas funções, dando-lhes sempre casa repleta. Exibe programas atraentes e educativos, nada deixando a reclamar. Sendo, como é, o único divertimento da nossa população, podemos com isso nos congratular com o povo, por esse desprendimento e lealdade da parte da empresa do Cinema Independência (Moehlecke, 1997, p. 182-183).

Cinema: “o fotógrafo fiel de todas as visões nacionais”¹⁰

Na década de 1940, em que o Brasil se envolveu na Segunda Guerra Mundial ao lado das forças aliadas e contra a Alemanha nazista de Hitler, o uso da língua alemã foi proibido publicamente. Esses acontecimentos geraram grande apreensão nas cidades com maciça presença de descendentes germânicos, como São Leopoldo. Conforme Gertz (1991), “a repressão [...] se generaliza e brutaliza em 1942 com o afundamento dos navios e a declaração de guerra entre Brasil e Alemanha”.

O sentimento de brasiliidade era transmitido para ofuscar o germanismo ainda forte na região, visando amenizar possíveis conflitos, como confirma o jornal *Correio de São Leopoldo*:

[...] A par de uma campanha tolerante e de respeito à autoridade moral de quem quer que tenha sua origem ligada a ascendentes dos países que hoje nos são desafetos, nem por isso deixou-se de trazê-los ao corrente de que qualquer atividade contrária aos ditames da nacionalidade brasileira tinha a nossa repulsa como a de qualquer filho desta terra que se tenha na conta de bom brasileiro (*Correio de São Leopoldo*, 1942, p. 48).

Segundo Weber (2004), que analisa as comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul, houve um esvaziamento na data de 25 de julho da glorificação da etnia alemã, visando “instruir os descendentes de alemães na brasiliidade, bem como para abordar temas relativos à integração dos descendentes” (p.109). Nos primeiros anos da década de 1940, os festejos do ‘25’ não ensejaram as comemorações dos anos anteriores, que exaltavam a presença do alemão trabalhador, transferindo as glórias para os símbolos nacionais de progresso e desenvolvimento.

Nesse contexto, em meio a essa paixão nacionalista, São Leopoldo vivia uma época de crescente progresso industrial, sendo inclusive denominada de “Manchester

rio-grandense”. Grandes obras públicas e o sucesso das indústrias locais e da agricultura forte eram fruto de um povo laborioso e ordeiro, que tudo fazia para o bem de sua nação. Clubes, sociedades e os cine-teatros eram os espaços ideais para se desfrutar das opções de lazer, em que se prestigiavam as manifestações de autocongratulação das elites locais e onde as relações sociais se estreitavam.

Para o cronista Bugre Velho, cada cidade precisava ter uma sala de visitas, para receber todos aqueles que procuravam ver e encontrar alguma coisa. Essa sala de visitas seria um cinema “que expressasse o *adeantamento* de seus habitantes”. O cinema Independência, inaugurado em 1924, palco das diversões e de importantes sessões cívicas, merecia uma reforma, pois não representava mais “o progresso dessa grande terra”. A novidade era o novo Cinema Brasil:

Agóra está de pé um novo palácio de cinema. São Leopoldo pode dizer que tem um cinema moderno. [...] O cine-Brasil será uma casa cinematográfica das mais modernas e melhores aparelhadas do Estado. [...] Devemos recebê-la com carinho, pois é mais um motivo de orgulho para S. Leopoldo. Podemos dizer que em breves tempos será o cine-Brasil inaugurado e, ahí, o povo vai ver e contemplar um produto de suas energias, de seus aplausos e acima de tudo uma obra digna de seus idealizadores e dos filhos da terra leopoldense (Correio de São Leopoldo, 1940b, capa).

A partir da análise do material empírico, conforme mencionado anteriormente, constata-se que o cinema, no período estudado – entre 1940 e 1945 –, esteve presente em praticamente todas as edições do jornal. A estrutura do mesmo era, geralmente, de quatro páginas, sendo que as notícias referentes a acontecimentos da municipalidade tinham maior destaque, junto de artigos e textos opinativos sobre a nacionalização de governo Vargas, com ênfase – a partir de meados de 1942, quando o Brasil ingressa na guerra ao lado das forças aliadas – para a nefasta ação dos inimigos do país, os nazistas.

A coluna com a programação dos cinemas vinha, normalmente, na página 3, juntamente com outras notícias sociais: bailes, reuniões sociais promovidos por clubes e sociedades da cidade, além dos eventos esportivos, que foram ganhando destaque com o passar dos anos.

Segundo a categorização explicitada pela metodologia de análise de conteúdo, anteriormente exposta, observamos critérios como a exclusividade, pelo qual cada elemento foi classificado em apenas uma categoria, e de objetividade, para que não surgissem dúvidas a que

¹⁰ Expressão presente no jornal Correio de São Leopoldo (1941).

unidade cada elemento deveria pertencer. As informações constam na Tabela 1.

Diante dessa categorização, podemos perceber que a programação das salas de espetáculos domina a quantidade de eventos relacionados ao cinema. Essa programação era apresentada na forma de uma coluna que ocupava, muitas vezes, o centro da página do jornal, em tamanho pequeno, porém com o nome dos cinemas em negrito, o que os destacava em meio às outras notícias.

A análise da programação dos filmes do Cine Independência e do Cine Brasil revela que as sessões ocorriam predominantemente aos sábados (dia de circulação do jornal *Correio de São Leopoldo*) e aos domingos. A quantidade de sessões variava entre uma, que iniciava por volta das 20 horas, e duas, com horários entre 19 e 21 horas, geralmente. Algumas vezes, o nome do filme em cartaz não era divulgado, sendo substituído pelos dizeres: “Um programa caprichosamente escolhido”. Consistia, portanto, numa estratégia para atrair a curiosidade de um público já fiel.

É interessante ressaltar que os filmes, normalmente, não se repetiam nos dois cinemas, ou seja, sua exibição era exclusiva em cada sala de espetáculos. Além disso, dificilmente um filme se repetia na semana seguinte à estreia – a não ser, possivelmente, por solicitação do público – influenciando, dessa forma, na frequência do público às sessões. Percebe-se que os cinemas buscavam, semanalmente, trazer novidades aos frequentadores, que correspondiam, lotando as salas de exibição. Tendo em vista essas constatações, entendemos que o hábito de ir ao cinema era um programa rotineiro no cotidiano da população de São Leopoldo.

Os eventos referentes às propagandas de filmes apresentam, como principal característica, chamadas horizontais no pé das páginas, visto que não foi encontrada uma imagem de filme nas edições pesquisadas. Para tal, deve-se levar em conta as condições técnicas dos jornais

da época, que contavam com pouquíssimas imagens, a maioria delas de personalidades políticas, obras e prédios públicos ou imagens panorâmicas. A forma de anunciar filmes importantes era publicar seu nome em letras maiores, de forma a destacá-lo em meio aos textos jornalísticos.

A coluna intitulada cine-jornal esteve presente em algumas edições dos dois primeiros anos analisados – 1940 e 1941 –, consistindo em comentários sobre a qualidade de determinado filme, o desempenho dos atores e das atrizes, as novidades trazidas pelas películas e, principalmente, a relevância dos filmes nacionais. Essa característica é destacada diversas vezes, pois, conforme o cronista Caburé:

Hoje o cinema é uma escola aberta aos olhos do público que, indiscutivelmente, pode prestar inestimáveis serviços a uma coletividade como a nossa. Uma coletividade em formação. [...] O Governo Federal teve louvável e digna iniciativa, quando determinou que



Figura 4. Coluna com a programação dos cinemas de São Leopoldo (*Correio de São Leopoldo*, 1943).

Figure 4. Column with the program of São Leopoldo's cinemas.

Tabela 1. Categorias de análise do jornal *Correio de São Leopoldo* (1940-1945).

Table 1. Categories of analysis of the newspaper *Correio de São Leopoldo* (1940-1945).

Categorias	1940	1941	1942	1943	1944	1945	Total
Programação dos cinemas	31	50	51	53	50	46	281
Propaganda de filmes	0	0	10	1	1	3	15
Cine-jornal	4	2	0	0	0	0	6
Crônicas	2	0	0	0	1	1	4
Bomboniere	0	1	1	0	0	0	2
Outros eventos	2	0	2	1	2	0	7
Totais	39	53	64	55	54	50	315

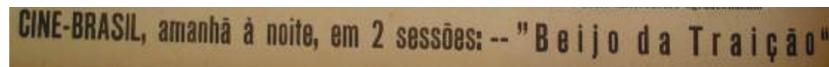


Figura 5. Propaganda de filme (Correio de São Leopoldo, 1945b).

Figure 5. Movie advertisement.

em todas as secções cinematográficas fossem exhibidas películas nacionais, antes de quaisquer outras. Essa determinação atingiu, em boa hora, todas as casas de cinema espalhadas por todo o território da Pátria. Os cinemas da nossa cidade teem cumprido fielmente essa determinação e os filmes nacionais exhibidos agradam e traduzem o espírito realizador do governo que tem encontrado a melhor cooperação nesse sentido. Oxalá, para grandeza nossa, continuem essas exibições patrióticas e necessárias à nossa formação nacionalizadora (Correio de São Leopoldo, 1941).

A citação refere-se às iniciativas do governo Vargas, que, atuando como “mecenas” do cinema brasileiro, atendeu os apelos da classe de cineastas e decretou, em 1932, a lei de obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais. Conforme Capelato (1998), a censura prévia dos filmes foi estabelecida, vetando-se cenas ou filmes inteiros considerados de ofensa ao decoro público, que induzissem aos maus costumes, que incitassem contra o regime vigente ou que ferissem a dignidade ou os interesses nacionais. Os documentários cinematográficos eram exibidos antes dos filmes e mostravam as comemorações e festividades públicas, as realizações do governo e os atos das autoridades (p. 107).

A presença dessa propaganda política do governo Vargas nos cinemas foi constatada nas colunas de programação pesquisadas. Em grande parte dos anúncios dos anos de 1940 e 1941 aparecem, juntamente com nomes dos filmes em cartaz, os dizeres: “Ao início: Jornal Nacional”. Essa expressão revela a presença dos documentários e das propagandas varguistas antes das películas.

No entanto, juntamente com as propagandas nacionalistas de Vargas, os cinemas continuaram, ao menos no período entre 1940 e 1941 – ou seja, antes do Brasil entrar, efetivamente, na guerra ao lado das potências aliadas (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, URSS) e contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) – a veicular filmes alemães. Segundo Becker (1992),

[...] O cinema, como meio de diversão, ficou à margem desse processo que atingiu jornais, rádios, o ensino escolar e as sociedades culturais. Filmes alemães eram projetados normalmente ao lado das produções de outros países, especialmente as dos estúdios de Hollywood

que, já na época, dominavam seus “quintais cinematográficos”. Na Europa, a força da empresa estatal UFA (Universum Film Aktiengesellschaft), nos anos 30, já era um império e se expandia graças às sólidas parcerias estabelecidas, antes da 2ª Guerra Mundial, com empresas norte-americanas (notadamente a Paramount), inglesas, francesas, italianas e espanholas (p. 77-78).

Tal questão também é abordada por Isolan (2006), ao analisar a presença do cinema alemão e sua repercussão na imprensa de Porto Alegre e Santa Cruz do Sul, entre as décadas de 1920 e 1940.

Ao longo do período estudado, das produções europeias, as alemãs foram as que chegaram em maior número aos cinemas de Porto Alegre – mesmo que no final da década de 30 e nos anos iniciais da II Guerra tenha caído o número de suas exibições. Em Porto Alegre, as produções alemãs encontrarão um mercado bem receptivo, principalmente nos bairros onde se concentravam as famílias de ascendência germânica, com vários filmes obtendo sucesso de público, presença constante nas salas exibidoras e uma série de artigos e comentários na imprensa, tornando-se, em todos esses aspectos, o maior concorrente das produções norte-americanas (p. 39).

Percebe-se que, apesar da onipresença de produções nacionais nos cinemas de São Leopoldo ser constatada nos anúncios intitulados “Ao início: Jornal Nacional”, antes dos filmes, nas edições pesquisadas, as afirmações de Becker podem ser consideradas válidas quanto à presença da empresa cinematográfica alemã UFA (Universum Film Aktiengesellschaft). As programações dos cinemas locais, nos jornais de 1940 e 1941, apresentam, juntamente com o “Jornal Nacional”, os dizeres “UFA Jornal”, que comprovam que os filmes alemães continuavam passando nos cinemas de São Leopoldo.

No entanto, a partir de 1942, esses termos foram substituídos por “Ao início: Complementos”, o que permite deduzir o fim das exibições de películas alemãs em São Leopoldo, tal como ocorreu em Porto Alegre e Santa Cruz, cidades analisadas por Isolan (2006). Apesar de tal proibição não estar registrada nos periódicos analisados, as evidências conduzem a tal conclusão, pois as represálias a qualquer manifestação germânica nesse



Marca da UFA, sugerindo a suástica nazista.

Figura 6: Marca da UFA (Universum Film Aktiengesellschaft), empresa cinematográfica alemã (Becker, 1992, p. 78).

Figure 6: The brand of UFA (Universum Film Aktiengesellschaft), a German film enterprise.

período eram intensas, ao mesmo tempo em que o nacionalismo era exacerbado.

Esse culto aos símbolos nacionais manifesta-se, também, na busca de um maior destaque para as produções brasileiras, visto que, até então, a preferência era por filmes norte-americanos. Bugre Velho, cronista do *Correio de São Leopoldo*, destaca o potencial do cinema brasileiro do período, devendo o público prestigiar nossas produções:

[...] E nós precisamos apoiar movimentos e esforços como esses. Precisamos fazer “enchente” nos dias em que o cinema exhibir o que é nosso e os nossos filmes. Precisamos prestigiar o cinema brasileiro. [...] Porque o cinema é uma grande escola que tem sido entregue a professores estrangeiros! (*Correio de São Leopoldo*, 1940a, capa).

O cronista solicita uma “enchente” de público em dias de exibição de filmes nacionais que, apesar de estimulados, estavam pouco presentes na programação dos cinemas. Nota-se, claramente, na listagem dos filmes e respectivos artistas em cartaz, que o cinema americano ainda era preponderante nas salas de exibição. Ou seja, apreciar o “grandioso” cinema brasileiro, naquele período, em São Leopoldo, era assistir ao “Jornal Nacional” ou aos “Complementos”, a propaganda do Estado Novo.

Havia a clara intenção de transformar o cinema nacional, mais do que uma diversão, em “um instrumento educativo, contribuindo, dessa forma, para a formação do povo brasileiro em novas bases; pretendia-se colocar o público em contato com personagens e situações capazes de modificar sua conduta” (Capelato, 1998, p. 109). Os métodos de controle dos meios de comunicação de massa (rádio, imprensa, cinema), eram promovidos por um órgão especial, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Essa organização da propaganda varguista – e também da peronista, na Argentina – era inspirada nos ideais nazifascistas da Alemanha e da Itália, onde, na década de 1930, Hitler e Mussolini, seus respectivos líderes, utilizaram-se de poderosas ferramentas de persuasão popular, levando suas nações à Segunda Guerra Mundial. No entanto, o Brasil, ao decidir-se pelo apoio às potências democráticas lideradas pelos Estados Unidos, colocou-se neste conflito, a partir de 1942, contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

O envolvimento brasileiro na Segunda Guerra repercutiu nas mais diversas instâncias sociais da cidade leopoldense: a proibição de falar em alemão publicamente, as represálias que alguns germânicos sofreram, a substituição de nomes de estabelecimentos nesse idioma foram algumas delas. O assunto também dominou boa parte do jornal *Correio de São Leopoldo*, em que não faltaram textos vangloriando a ação dos pracinhas brasileiros; informando, com riqueza de detalhes, sobre grandes batalhas entre as mais diversas nacionalidades; ou “demonizando” as figuras inimigas, como os nazistas seguidores de Hitler.

Nesse período, os cinemas de São Leopoldo apresentaram algumas sessões especiais com filmes de guerra, como “Missionário da China” e “Aspectos da guerra chino-japonesa”, em 1942, promovidos como “sensacionais” e “imperdíveis”. Em 1945, logo após o fim do conflito, o cronista Pena de Aço compôs uma interessante crônica intitulada “Cartazes de cinema e da guerra”, em que utiliza, de forma criativa, títulos de filmes (escritos em negrito) e fatos da História. O autor usa muito humor para satirizar os “vilões” da guerra:

Mas agora, não adianta chorar, seu Hitler. Você já viveu bastante e já chegou na idade perigosa. Muito em breve, você irá com Mussolini, não mais se encontrarão os dois no céu, ouviu? [...] E de vocês todos, que foram totalitários inseparáveis, qual será o que desempenhará o papel de mulher satânica lá do outro lado da vida? Depois disso, o mundo democrático, que já partiu, Rumo a Tóquio, irá dizer ao povo japonês: “Não posso querer-te no meio das nações civilizadas, pois desconheces as melodias da América que são as melodias da fraternidade e da igualdade.” E, quando,

então, também Tóquio desaparecer nas cinzas da guerra, nos céus da civilização, surgirá a aurora da paz para a humanidade [sic] (Correio de São Leopoldo, 1945a, p. 5).

Após a crônica repleta de ironia, uma nota esclarece: “já se encontrava composto este trabalho quando chegou nos a auspícios da notícia da queda de Berlim e provável morte de Adolf Hitler”. Podemos inferir que o texto revela o quanto o cinema influenciava o cotidiano dessa sociedade, a ponto de fatos históricos serem “contados” a partir de nomes de filmes, servindo como versão esclarecedora e “oficial” dos fatos, condenando os culpados e livrando os inocentes, como num bom filme de mocinho e bandido do cinema local.

Considerações finais

Os cinemas de São Leopoldo constituíram, na primeira metade do século XX, espaços de excelência para a sociabilidade local, aonde os frequentadores acorriam, avidamente, para saberem as novidades do mundo. No período analisado, de 1940 a 1945, o cinema na cidade vivia o seu período áureo, com duas salas de exibição que garantiam ao seu público magníficos espetáculos, com sessões concorridas e a preços acessíveis.

Cardoso (2007) cita que, antes das sessões cinematográficas,

[...] era costume, na época, as pessoas, depois de sentadas, levantarem-se e saudarem os conhecidos, acenando ou indo conversar com eles. [...] Dentro do cinema, à entrada, havia um barzinho onde as pessoas, nos intervalos, tomavam cerveja. [...] Quando o filme chegava à cidade, havia uma sirenite que tocava para avisar o povo. Havia também, cartazes na rua (p. 50).

As relações sociais, ao mesmo tempo em que se estreitavam nesses lugares, também geravam algumas desordens e incômodos para os frequentadores, atrapalhando a apresentação das películas. O cronista Noumenon comenta o comportamento desses desordeiros mal-educados:

[...] é frequente a citação dos comedores de amendoim que espalham as cascas sobre os espectadores vizinhos, dos que leem em voz alta para o irmão menor ou irmãzinhas, dos que já viram a fita e se antecipam a contar o que vai acontecer; dos inteligentes que explicam bem alto, para que todos tomem a sua sabedoria, o que é isto ou aquilo; dos que vieram para tratar de negócios, os chapéus tapa tela das senhoras, etc., etc. E, ainda, os desordeiros intencionais que, nos momentos mais

dramáticos dão gargalhadas ou gritos, devidos, o mais das vezes, ao desejo pueril de se mostrarem insensíveis às emoções (Correio de São Leopoldo, 1944, capa).

A crítica do cronista não poupa nem as senhoritas da “alta sociedade”, que apresentavam condutas pouco recomendáveis à sua posição:

[...] por estranho que pareça, estas mocinhas que sempre encontramos em atitudes corretas, sérias, respeitáveis, numa sala cinematográfica transformam-se, como por encanto, em uma calamidade para os inafortunados espectadores vizinhos. A zona que ocupam é um verdadeiro “Serão de D. Generosa”: são gritos sem motivo, motejos de mau gosto, troca de pilherias com rapazes mais atrevidos sentados à distância, impropérios inesperados, etc. O interessante é que essas senhoritas sabem portar-se convenientemente em muitos lugares, porém, ao entrarem no cinema, desaparece a educação. Cabe aos proprietários destas casas de espetáculos mostrar, com severa fiscalização, que estes recintos são tão respeitáveis e exigentes de decoro como as sociedades da nossa cidade (Correio de São Leopoldo, 1944, capa).

Percebe-se então, que a formalidade desses espaços era, por vezes, perturbada pela insensatez de frequentadores incapazes de conviverem conforme os bons modos da sociedade. Esses acontecimentos, embora pareçam pequenos deslizes de conduta, demonstram o quanto essas atividades de lazer estavam normatizadas por regras de comportamento social.

Numa sociedade tipicamente germânica, onde o trabalho fora concebido como um bem maior, de acordo com a ética protestante do trabalho analisada por Max Weber, a ocupação do tempo livre deveria ser preenchida com atividades que desenvolvessem o físico – em que o caráter competitivo estava fortemente presente –, ou então para celebrar o caráter meritório do status social da elite teuto-brasileira; caso contrário, essas atividades de lazer eram compreendidos como “perda de tempo”.

Os cinemas, recintos tão respeitáveis e exigentes de decoro, não poderiam ser palco de manifestações tão desagradáveis realizadas no escurinho das sessões. Principalmente porque uma cidade que se proclamava tão ordeira e progressista, calcada na moral do trabalho, não aceitaria um lazer que provocasse desordem, subversão de valores.

São Leopoldo, na década de 1940, vangloriando-se de sua pujança econômica de “Manchester rio-grandense”, aceitou e legitimou a campanha de nacionalização do governo de Getúlio Vargas, incorporando para si seus valores e suas ideologias, buscando substituir, pau-



Figura 7. Fachada do Cine Brasil no início da década de 1990 (Adib, 2013).

Figure 7. Facade of Cine Brazil at the beginning of the 1990s.



Figura 8. Fachada atual do Theatro Independência. No andar térreo funciona uma loja de eletrodomésticos (Acervo pessoal Carlos Eduardo Ströher).

Figure 8. Current facade of Theatro Independência. In the ground floor, a home appliances store operates.

latinamente, o germanismo pelo patriotismo brasileiro. O cinema, mesmo trazendo todos os elementos da cultura estrangeira, sobretudo norte-americana, a partir de 1945, fazia sua parte, exibindo os documentários e filmes da propaganda nacional.

As salas de cinema do Cine Independência e do Cine Brasil continuaram, por muitas décadas, a entreter a população de São Leopoldo. Enfrentaram a concorrência que outras tecnologias, como a televisão e o videocassete, trouxeram e a gradual migração do seu público para as salas do *shopping center*, nos anos 1990. Mesmo localizados no coração da cidade, não resistiram e entraram em decadência, fechando suas portas em 1995 e 1996, respectivamente. Ainda assim, as lembranças de suas sessões permanecem na memória de seus frequentadores, constituindo um patrimônio da história da cidade.

Referências

- ADIB, C. 2013. Cinemas no Interior do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.carlosadib.com.br/ciners_fatos.html. Acesso em: 15/03/2013.
- AZEVEDO, P.S. de S. de. 2011. “PELA PÁTRIA!”: A Campanha de Nacionalização repercutida nas páginas do jornal Correio de São Leopoldo durante a Segunda Guerra Mundial. Porto Alegre, RS. Monografia de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 55 p.
- BAKOS, M.M. 1998. Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre. *Estudos Avançados*, São Paulo, 12(33):213-226. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000200016. Acesso em: 16/03/2013.
- BARDIN, L. 1977. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 226 p.
- BECKER, T. 1992. Todo falado e cantado em alemão. In: V. SCHILLING; E. TIMM; G. WEIMER, *Culturas em movimento: a presença alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Riocell, Timm & Timm, p. 21-30.
- CARDOSO, S.W. 2007. *São Leopoldo antigo – A cidade brasileira de colonização alemã*. São Leopoldo, EST Edições, Sulani Letra & Vida, 304 p.
- CAPELATO, M.H.R. 1998. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, Papirus, 310 p.
- DUMAZEDIER, J. 1999. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo, Perspectiva, 248 p.
- ELMIR, C.P. 1995. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, 13:1-17.
- GERTZ, R.E. 1991. *O perigo alemão*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 87 p.
- GERTZ, R.E. 1987. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo e integralismo*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 204 p.
- ISOLAN, F.B. 2006. *Das páginas à tela: cinema alemão e imprensa na década de 1930 (Porto Alegre e Santa Cruz do Sul)*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 198 p.
- MOEHLER, G.O. 1997. *Vida social – usos e costumes: revivendo o passado 1*. São Leopoldo, EST Edições, 187 p.
- RAMOS, E.H.C. da L. 2006. Cidades e sociabilidades (1822-1889). In: H. PICCOLO; M. PADOIN (dir.), *História geral do Rio Grande do Sul: Império*. Passo Fundo, Méritos, vol. 2, p. 423-447.
- RAMOS, E.H.C. da L. 2000. O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo, 1850/1930. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 430 p.
- SIMMEL, G. 2006. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 120 p.
- WEBER, R. 2004. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de julho em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo, Feevale, 159 p.

Fontes primárias:

Acervo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.
CARLOS EDUARDO STRÖHER. Acervo pessoal.
CORREIO DE SÃO LEOPOLDO. 1940a. Nº 395, 20 abr. 1940, capa.
CORREIO DE SÃO LEOPOLDO. 1940b. Nº 396, 27 abr. 1940, capa.
CORREIO DE SÃO LEOPOLDO. 1941. Nº 472, 01 nov. 1941, p. 3.
CORREIO DE SÃO LEOPOLDO. 1942. Nº 508, 23 jul. 1942, p. 48.
CORREIO DE SÃO LEOPOLDO. 1943. Nº 561, 31 jul. 1943, p. 4.
CORREIO DE SÃO LEOPOLDO. 1944. Nº 607, 24 jun. 1944, capa.

CORREIO DE SÃO LEOPOLDO. 1945a. Nº 650, 19 maio 1945, p. 5.
CORREIO DE SÃO LEOPOLDO. 1945b. Nº 671, 13 out. 1945, p. 4.
O RIO DOS SINOS. 1921a. Jornal Republicano, Litterario e Noticioso.
São Leopoldo, 20 fev. 1921, p. 3.
O RIO DOS SINOS. 1921b. Folha Republicana. Independente, 17
de jul. 1921, p. 1.
VALE DO SINOS. 1981. Nº 1047. 10 ago. 1981.

Submetido: 26/03/2013

Aceito: 05/05/2014

Carlos Eduardo Ströher
Universidade Feevale – *Campus II*
ERS 239, 2755, Vila Nova,
93352-000, Novo Hamburgo, RS, Brasil

Cristina Ennes da Silva
Universidade Feevale – *Campus II*
ERS 239, 2755, Vila Nova,
93352-000, Novo Hamburgo, RS, Brasil